

ALFAGUARA



Ana Maria Machado

A audácia dessa mulher



ALFAGUARA

Ana Maria Machado

A audácia dessa mulher



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

ALFAGUARA



Ana Maria Machado

A audácia dessa mulher

3ª edição

© 1999 by Ana Maria Machado

Todos os direitos reservados

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Capa

Víctor Burton

Imagem de capa

Compassionate Eye Foundation / Katie Huisman / Getty Images

Revisão

Fátima Fadel

Joana Milli

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M 129a

Machado, Ana Maria

A audácia dessa mulher [recurso eletrônico] / Ana Maria Machado. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

142p. ISBN 978-85-7962-114-7 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-7659.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

*Um livro é uma garrafa lançada ao mar
com a inscrição “Agarre quem puder”.*

STENHALL

*São necessárias duas ou três gerações
para fazer o que tentei fazer em uma.*

THOMAS HARDY, *Judas, o Obscuro*

*Por que me trancam de fora do Paraíso?
Acaso terei cantado alto demais?*

EMILY DICKINSON

— Por que eu?

Desde o começo da reunião Virgílio estava fazendo essa pergunta a si mesmo. Só agora surgia a oportunidade de fazê-la em voz alta. Mas não teve resposta. Em vez disso, desencadeou duas frases quase simultâneas.

— Desculpe, mas não entendi sua dúvida — disse o homem corpulento sentado à cabeceira da mesa comprida.

— Tirou-me as palavras da boca — comentou em voz alta a moça magra de cabelo encaracolado, que chegara ainda mais atrasada do que Virgílio e se sentara numa cadeira extra, num cantinho.

Diante disso, ele achou que convinha explicar melhor:

— Bom, quando eu cheguei, todos já estavam em seus lugares, mas a reunião ainda não tinha começado. Quer dizer, eu acho que não perdi nada. Você se apresentou — o que foi muito bom, porque eu, por exemplo, só o conhecia de nome — e começou a dizer que estávamos todos aqui reunidos para discutir o projeto de uma próxima novela. Falou em prazos, recursos, cronogramas. Depois passou a palavra ao autor, ao diretor, ao pessoal da produção, a quem vai escolher o elenco. Ficamos sabendo que a história se passa no século XIX, no Rio de Janeiro, mas com certeza vai incluir também uma viagem dos personagens à Europa... Enfim, tudo o que nós todos ouvimos e eu não preciso ficar repetindo. Tenho certeza de que prestei atenção e não perdi nada. Mas não consigo deixar de achar que entrei na sala errada, ou vim no dia errado. Apesar de meu nome estar lá fora, com a recepcionista. Quer dizer, por que me chamaram? Eu não tenho nada a ver com isso.

— Nem eu... — acrescentou novamente a moça do cabelo cacheado.

— Você não é o Virgílio de Pádua Toledo? — perguntou o grandalhão, ignorando o comentário dela.

— Exatamente.

— Podia dizer aos outros o que faz?

— Sou cozinheiro e dono de restaurante. Do Marco Polo, na Lagoa.

— E arquiteto de profissão, creio.

— De profissão, de paixão, de maldição, como queira... — confirmou ele.

— Então é você mesmo que nós chamamos.

— Confesso que continuo sem saber por quê. Não vejo em que eu possa me encaixar na produção de um programa de televisão como esse.

Pelas caras dos outros em volta da mesa, Virgílio ia percebendo que a curiosidade não era só sua. Com exceção da moça magra, todos pareciam à vontade ali, em seu ambiente. Eventualmente trocavam comentários em voz baixa, se conheciam. Dava para ver que eram do ramo. Já deviam estar acostumados a trabalhar juntos e não disfarçavam ocasionais olhares meio intrigados em direção a ele e à moça, que nesse momento confirmava com um gesto de cabeça a última frase de Virgílio.

Sorrindo, o homem corpulento que comandava a reunião e se apresentara como José Egídio, diretor daquele núcleo, voltou-se então para ela e disse:

— Pelo jeito, você está com a mesma dúvida.

— Pode ter certeza de que estou.

— Mas primeiro você não quer se apresentar, Bia? — convidou ele.

Meio hesitante, ela começou:

— Meu nome é Beatriz Bueno e eu sou jornalista e... bom, biscateira cultural.

Sorrisinhos.

— E escritora — acrescentou José Egídio. — Autora de livros de viagem de muito sucesso. E de muito boa qualidade, segundo me garante o Muniz, eu ainda não tive oportunidade de ler. Mas como todos os que conhecem o nosso autor aqui presente sabem de seu nível de exigência, não preciso insistir no valor decisivo que uma recomendação dessas teve em minha decisão de convidar você para estar hoje aqui conosco e se juntar a nós neste projeto que estamos começando.

— Para fazer o quê? — perguntou ela, muito direta.

Em vez de responder, José Egídio fez um sinal com a cabeça em direção ao Muniz, enquanto devolvia a pergunta:

— Ele já vai lhes explicar. Mas antes eu gostaria de saber, por curiosidade: para que você acha que foi chamada?

— Imagino que por alguma estratégia nova de divulgação, para fazer uma matéria sobre essa futura série — é série, não? Tenho a impressão de que era o que eu tinha entendido, mas ele acabou de falar em novela e eu fiquei na dúvida.

Os gestos de assentimento em volta da mesa confirmaram que não era uma novela, mas uma série. Só que a moça nem se interrompeu e continuou falando:

— E vou logo dizendo que é um equívoco, eu não tenho a menor condição, não trabalho no segundo caderno e lá no jornal é tudo muito compartimentado. Eu só escrevo sobre viagens, no caderno de turismo. E nem vou à redação, escrevo em casa ou num hotel quando estou fora, mando o texto pela internet. No fundo, sou só uma colaboradora fixa, não conheço quase ninguém lá, nem dá para pedir uma força numa cobertura...

Hesitou um pouco e acrescentou:

— Além disso, tem uma coisa meio delicada. Eu trabalho para o jornal. Quer dizer, não posso receber de uma empresa ou de um projeto como esse para trabalhar para vocês. Não seria ético, entendem? Eu sei que é supercomum, muita gente faz, hoje em dia todo mundo aceita. Mas eu acho que sou meio antiquada nessas coisas. Não estou querendo julgar ninguém nem criticar colega, mas o caso é que eu não faço isso. Para mim, antes de mais nada, vem o interesse do leitor. Não posso ficar plantando elogios no jornal. Quer dizer, eu acho que isso tudo é um grande mal-entendido.

Voltando-se para Virgílio, José Egídio repetiu a pergunta:

— E você? O que imagina que vamos lhe pedir?

— Não faço a menor ideia. Só se estiverem querendo fazer uma locação no restaurante, ou se houver uma cena de banquete como em *A festa de Babette* e vocês quiserem meus préstimos.

— A ideia não está excluída, mas o Muniz lhes explica melhor.

Olharam todos para o autor, um sujeito de barba branca bem aparada, que passara o tempo quase todo da reunião rabiscando com o lápis numas folhas de papel à sua frente e agora levantava os óculos para o alto da testa e começava a falar:

— Bom, é que eu pensei em trabalhar de uma forma um pouco diferente desta vez. Além do pessoal da pesquisa e dos meus assistentes na pedreira diária de escrever os capítulos (um tremendo trabalho braçal, como ninguém aqui ignora), achei que era bom ter um contato regular, provavelmente uma vez por semana, com uma espécie de consultoria bem informal, e foi por isso que sugeri os nomes de vocês. Antes de mais nada, eu queria alguém com sensibilidade para a linguagem, gente que estivesse acostumada a escrever, e vocês dois já publicaram livros.

— Livro de receitas também conta? — brincou Virgílio.

— Você sabe tão bem quanto seus leitores que escreveu uma obra que é muito mais que um simples livro de receitas. É uma conversa deliciosa sobre os prazeres da mesa, uma viagem pelos sentidos... Uma obra que nos transporta sensorialmente a um universo tentador.

— Obrigado.

— Não tem o que agradecer, é isso mesmo. Além do mais, lendo seu livro eu pude ver que, além de gostar de cozinhar, você conhece muito bem o final do século XIX e a virada deste século. Sabe o que se comia na época, como as pessoas moravam, como era a cidade, o jeito das casas por dentro...

— Bom... trabalhei um tempo para o Serviço do Patrimônio, tive que conhecer.

— Exatamente. Juntando essas duas coisas, já deve estar dando para entender perfeitamente como você pode nos ajudar.

Apontou para o bigodudo sentado do outro lado da mesa e prosseguiu:

— O Ribamar ali é macaco velho, já dirigiu todo tipo de história, passada em tudo que é cenário e momento. A gente conversou muito, eu estava cheio de dúvidas para escrever um texto com uma história acontecida antigamente, num tempo que eu não vivi. Ele me deu uns toques bons, falou na importância dos detalhes pequenos e do clima geral, uma coisa que passe uma verdade. Eu nunca escrevi uma novela de época...

“Mas afinal, é novela ou série?”, pensou Virgílio sem interromper, enquanto Muniz prosseguia.

— ... e fiquei achando que além da pesquisa mais formal, cheia de dados concretos, que o próprio pessoal da casa vai me trazer, pode ser muito útil contar com um molho extra, digamos assim. Por isso, para criar essa atmosfera mais total, seria muito bom se você fizesse parte da equipe e nós pudéssemos de vez em quando ter uns encontros, trocar ideias, e discutir essas coisas.

— Quer dizer que vocês me querem então para uma consultoria de casa e comida?

— De certo modo, mas não só isso... Depois explico melhor a outra ideia. Porque ela está ligada também ao que a gente espera da Bia, que, aliás, não tem nada a ver com divulgação, fique tranquila — acrescentou ele, virando-se para ela, no que foi acompanhado pelos olhares de todos os que se reuniam em volta da mesa. — Ninguém vai lhe criar problemas éticos, nem de dupla lealdade... Mas achei uma maravilha você ter levantado essa questão.

Fez uma pausa, levantou-se ligeiramente, puxou para perto a bandeja com a garrafa térmica, serviu-se de café num minúsculo copinho de plástico, pingou duas gotas de adoçante. Enquanto vários outros copinhos foram também se enchendo e começando a circular de mão em mão em volta da mesa, Muniz mexeu com um bastãozinho de plástico o líquido escuro e fumegante e prosseguiu, voltado para a moça:

— Aliás, Bia, como eu estava dizendo, só o fato de você ter levantado essa questão já mostra o acerto de minha escolha. Porque a inclusão do Virgílio é mais óbvia, ele quase pode ser classificado como um especialista numa equipe de consultores. Com você é diferente, tudo mais vago, difícil até de explicar. Mas eu tenho certeza de que sua presença é justamente o que eu queria e vai ser uma contribuição valiosíssima para todos nós que vamos trabalhar na série.

Bia deu o primeiro gole no café que acabara de receber e quase pelou o céu da boca, de tão quente que estava. Preferia que não estivesse todo mundo olhando para ela. Tinha vindo só para ver o que era, certa de que não ia poder fazer nada. Agora estava curiosa e agradavelmente surpreendida. Esse Muniz era um sujeito interessante, o tal Virgílio também tinha um certo charme. E qualquer tipo de consultoria num projeto desses podia render uma graninha muito bem-vinda para consertar aquele maldito vazamento no banheiro, de que a vizinha de baixo reclamava havia duas semanas. Olhou em volta, deu um sorriso meio constrangido. Muniz continuou:

— Eu já era seu leitor no jornal há algum tempo, Bia, como muitos outros aqui, mas só recentemente comecei a ver com outros olhos o que você escreve. Foi a partir de uma crônica sua, há uns dois meses, sobre viajar no tempo. Em linhas gerais, você defendia a ideia de que todo deslocamento no espaço para uma cultura diferente é também uma viagem para outro momento, outra época, outros tempos possíveis... Achei muito interessante.

— Obrigada, mas não chego a acreditar que só porque eu fui a Viena ou a Paris e tenha escrito umas crônicas de viagem, isso me habilite a dar uma consultoria sobre a virada do século XIX para o XX... — interrompeu ela.

— Também não acho. E se fosse só por isso, não a teria indicado. O que me interessou primeiro foi que você me fez pensar qualquer viagem de um ângulo novo. E me convenceu, com um texto que... bem, me transportou. Me fez viajar, digamos. O mínimo que se pode esperar de quem escolhe escrever sobre um tema desses. Mas coisa que raramente se encontra por aí. Fui procurar seu livro, descobri que eram dois. Um sobre viajar sozinha, muito divertido. Outro que desmente o primeiro, de certo modo, porque é sobre nunca conseguir viajar sozinha. A opinião da Bia, para quem não leu e está curioso, é que no fundo ninguém viaja sozinho, porque a gente está sempre em companhia de autores e outros artistas, dos livros, filmes, quadros e músicas que estão sempre conosco, enfim, dos mitos culturais que povoam nossa memória.

Deu um gole final no café e concluiu:

— Seu livro me fez pensar, Bia. Deu vontade de ter você por perto para trocar ideias. Achei que podia ser muito útil se você pudesse nos ajudar a ver o passado com esses olhos de viajante.

“Meio vago”, pensou ela. Mas não disse nada. Percebia que estava querendo fazer parte daquela equipe, tinha curiosidade em conhecer aquela realidade nova, entrar nos bastidores da

televisão. Para não falar na tentação do pagamento. Não ia contra-argumentar e correr o risco de ser cortada do projeto.

— Só não entendi o que você disse antes — lembrou Ribamar. — Aquela história de que ela levantou uma questão importante para confirmar sua escolha, quando disse que só escreve sobre turismo.

— Não foi bem isso — esclareceu Muniz. — O que ela trouxe à discussão foi um ponto de vista ético, que não deixa de ter relação com o nosso tema. Ela disse que, trabalhando no jornal, não pode ser contratada por alguém para elogiar algo nesse mesmo jornal. Não disse exatamente por quê, mas deixou implícito: sua opinião crítica tem que ficar independente, só tem compromisso com o leitor, não pode servir a dois senhores. Não pode ter dupla lealdade. Em outras palavras, não deve quebrar a fidelidade aos leitores. E isso tem tudo a ver com um tema que a novela vai discutir, e de que ainda não falamos.

Circulando o olhar por todos os que ali estavam, Muniz concluiu, meio bombástico:

— Porque, senhores, como todos poderão ver em seguida quando receberem a sinopse, a fidelidade vai ser um de nossos temas. Quer dizer, esta será uma história sobre o ciúme.

Houve uma expectativa geral de que ele dissesse mais, mas não disse. Quem falou foi José Egídio:

— Então, esperando que vocês dois realmente possam se juntar a nós, eu pediria que ficassem aqui mais um instante quando sairmos, porque o Hugo, meu assistente, vai conversar com vocês sobre remuneração, e discutir as nossas necessidades em termos de horários ou disponibilidade. E seria bom que, em seguida, fossem logo se entender com a dona Belmira, aí na saleta de entrada, sobre os detalhes burocráticos da documentação, para que ela possa encaminhá-los aos departamentos competentes.

Levantou-se, todos foram fazendo o mesmo, mas Muniz interrompeu:

— Só mais uma coisinha que acaba de me ocorrer e eu gostaria de registrar. Acho que pode ser um contraponto muito interessante ter vocês dois conosco. Não só porque podem nos ajudar com o fim do século XIX, mas também porque, de certo modo, os dois encarnam muito bem este fim do século XX. Não sei se todo mundo reparou, mas é muito divertido ter esta oportunidade. Vamos contemplar uma época, afinal de contas, não tão distante (talvez nossos bisavós ou os pais deles tenham vivido nela), numa cidade que todos conhecemos porque moramos aqui, e apesar de toda essa proximidade podemos constatar que, embora a paisagem urbana da época tenha se transformado muito, o que realmente mudou mais fomos nós, as pessoas que aqui vivemos. E o Virgílio e a Bia representam isso melhor do que ninguém.

Deu um sorriso e explicou:

— Um homem que adora ficar na cozinha e uma mulher que gosta de viajar sozinha... Não é só uma rima. É, isso sim, um sinal dos tempos. Papéis trocados. Duas ideias impensáveis no século XIX. Uma contribuição de nosso século para a história da humanidade.

Perdoe-nos a amável leitora ou o gentil leitor, mas as convenções que regem a feitura de um romance em nossa época diferem grandemente das vigentes no século XIX, que permitiam a um narrador externo, no momento da escrita, esta conversa direta com quem iria passar os olhos pela futura página impressa. Essas coisas que o linguista Roman Jakobson mais tarde chamaria de função fática da linguagem, que serve apenas para manter o contato e frisar: “sim, não adianta fingir, somos pessoas nos comunicando e sabemos disso.” Como o *alô* que se dá ao atender ao telefone, ou o cacoete do professor que fica repetindo *‘tão entendendo?’* Depois que os romancistas ingleses do século XVIII descobriram essa possibilidade sedutora e difícil, dando ocasionais piscadelas ao leitor, ela virou moda e mania e foi usada à exaustão. Raramente com o viço irreverente empregado por Sterne e Fielding quando a criaram, é bom lembrar. Mas a posterior tendência a transformar esse recurso em clichê não impediu que aqui mesmo, nesta cidade, Machado de Assis elevasse esse procedimento à categoria de obra-prima, transformando-o num dos traços mais típicos e deliciosos de seu estilo.

Só que hoje, um século depois, não dá mais. O lembrete foi apenas um lampejo de viagem no tempo, ao gosto de Bia e no espírito da novela (ou série). Uma espécie de contribuição para a tal atmosfera que o Muniz diz estar procurando. Mas a história continua mesmo é com uma roupagem mais atual, uma convenção tão rígida quanto as de épocas anteriores — agora, trata-se da regra não escrita que exige coerência. E que, embora admita e encoraje que a narrativa se faça toda em aparente caos a partir de um ponto de vista interno, o da consciência de um personagem, não gosta de misturas. Considera que um livro que começou com um narrador impessoal não pode de repente trazer essas intromissões em primeira pessoa. Ainda mais quando não fica claro se quem está falando é o autor (ou a autora, que audácia!), um narrador não identificado, ou um dos personagens. Dá um certo mal-estar que não pega bem. Como, aliás, essa própria expressão, *pegar bem*. Fica uma espécie de interferência de uma linguagem cotidiana vulgar, quase de chavão, para a qual os puristas torcem o nariz. Embora jamais admitam que estão se portando como puristas. Ou mesmo que tenham um nariz a meter onde não são chamados.

Melhor, portanto, retomar a objetividade de uma câmera que se limita apenas a mostrar o que ocorre. Para quem acredita nisso.

CENA 2: PISTA DE PEDESTRES/CICLOVIA DA LAGOA. MANHÃ DE SOL.

Tomada geral da paisagem, acompanhando o voo de uma garça. Alguma vegetação em primeiro plano (folhas do manguezal, se possível passando para as flores roxas dos aguapés), acentuando por contraste o espelho-d’água e a linha de montanhas, ao fundo, com o Corcovado contra o céu.

Som de canto de pássaros, entremeado com ruído de tráfego, mais o de veículos passando em velocidade do que barulho de buzinas. Sobre esse fundo sonoro, aproximam-se passos ritmados, num crescendo.

Um homem entra no foco visual, caminhando da direita para a esquerda. Meio gordo, careca, suando muito, vestido com camiseta e bermuda, calçando tênis e meias esticadas até a metade da canela. A câmera o segue meio de longe, por poucos metros, até um ponto onde a pista se alarga (pode ser quase em frente ao Caiçaras) e ele passa por outro homem, mais magro, de short, meias mais curtas, faixa na testa, fazendo exercícios de alongamento. Como nove entre dez olhares femininos, também a câmera vai preferir se concentrar neste segundo homem (pronto, olhe aí outra intromissão que não se permite e fica só pelo prazer fugaz do instante da escrita, porque vai ter que ser cortada depois). Cabelos castanhos cheios de fios brancos, um tanto despenteados pelo vento, entradas pronunciadas, a caminho da calvície. Barba por fazer, rosto marcado por algumas rugas, barriguinha incipiente embora nítida, ombros de boa largura, coxas sólidas e enxutas, pernas ainda sem varizes. Um evidente quarentão tentando manter a forma. Passa uma moça correndo, ele a olha com o rabo dos olhos (castanhos, de tamanho regular, sob sobrancelhas espessas que quase se juntam), continua seus exercícios. Depois para, consulta o relógio, espera um pouco, ajusta o cronômetro e parte, em sentido contrário ao do gordo que viera antes. Anda firme, ligeiro, passos grandes, olhando fixo para a frente.

Ao longe, vindo em direção a ele, aproxima-se uma moça magra, de cabelos cacheados, também vestida para caminhar. Passos também bem largos, mas menos velocidade. E olhar menos concentrado. Observa um peixe que pula, dois patos que pousam. Cumprimenta alguém com quem cruza. E quando se aproxima do homem, ainda antes de alcançá-lo, acena e abre um largo sorriso.

Ele acena, sorri de volta e perde o ritmo do passo, como quem hesita se para ou não. Resolve prosseguir, mas diz alguma coisa.

VIRGÍLIO: Oi, tudo bem?

BIA: Tudo bem...

Num instante, já se cruzaram e seguiram em direções opostas. Ele se vira para olhá-la, sem parar de andar. Ela também está olhando para ele, mas parada. E quando recomeça, é quase correndo, em direção a ele.

BIA: Oi, desculpe, posso ir com você? Te atrapalha se eu for andando junto?

VIRGÍLIO: Claro que sim, quer dizer... claro que não. *(ri)* Quer dizer, claro que pode, claro que não atrapalha. *(ela ri também)* Eu até estava querendo falar com você, quase parei.

BIA: E por que não parou?

VIRGÍLIO: Não sabia se ia te atrapalhar... *(novos risos)* E também para não perder o pique. Eu gosto de marcar o tempo que levo para percorrer uma certa distância, hesitei um pouco em interromper. Bobagem...

BIA: Estou andando devagar demais? Não quero interferir, puxa, é muito chato, eu adoro andar sozinha, pensando, não quero agora cortar a sua...

VIRGÍLIO: Não, não atrapalha, eu já disse. E você está andando num ritmo bom...

Caminham um pouco em silêncio. Passam ao lado de uma árvore cor-de-rosa:

BIA: Essa paineira está uma beleza, assim toda florida...

VIRGÍLIO: É... A Lagoa anda bem-cuidada ultimamente.

BIA: E linda.

VIRGÍLIO: Você costuma caminhar por aqui? É que eu ando todo dia, à mesma hora, e nunca te vi.

BIA: Antes você não me conhecia.

VIRGÍLIO: Mas pode ter certeza de que não precisava te conhecer para reparar.

BIA: Obrigada. Mas eu não venho sempre. Quer dizer, eu ando todo dia, mas cada dia numa hora. E num lugar.

VIRGÍLIO: Como assim?

BIA: Primeiro, eu acho que é porque eu não sou mesmo uma pessoa metódica. Depois, você sabe, eu viajo muito, e em qualquer lugar aonde eu vou, procuro andar uma hora, mas não me ligo muito em rotina. Vai ver, acostumei com uma certa variedade. Além disso, eu acho que uma das maiores vantagens de morar no Leblon é poder acordar de manhã e resolver: onde vou andar? Será que hoje eu vou escolher caminhar em volta da Lagoa, no Jardim Botânico ou no calçadão, olhando o mar? Já pensou que tem gente que anda em esteirinha dentro de academia, contemplando paredes, aparelhos e ginastas? Eu não, Deus me livre. Não abro mão deste luxo carioca.

VIRGÍLIO: Imagino que esse seja um bom exemplo dos tais olhos viajantes de que o Muniz falou outro dia.

BIA: Sei lá... Mas posso garantir que é um bom exemplo do meu jeito. Aliás, o que é que você estava querendo falar comigo? É sobre a sinopse?

VIRGÍLIO: Não. Confesso que ainda não tive tempo de ler.

BIA: Não perdeu grande coisa. Casal se apaixona e se casa, vive aparentemente muito bem, convivendo muito de perto com um grande amigo dele. Aos poucos o marido vai sendo levado a desconfiar da mulher, transformando em indícios de traição todos os pequenos acontecimentos do cotidiano. Nada de muito original. Já vi esse filme...

VIRGÍLIO: *Otelo?*

BIA: Ou *Dom Casmurro*. Na televisão eles não vão ter peito de partir para a tragédia. E sem tragédia, *Otelo* não é *Otelo*.

VIRGÍLIO: E o amigo?

BIA: O que é que tem o amigo?

VIRGÍLIO: É um amigo que induz o marido ao ciúme, como no caso de *Otelo*? Ou é um amigo que acaba amante da mulher do outro, como em *Dom Casmurro*?

BIA: Para um cozinheiro, você até que conhece literatura...

VIRGÍLIO: Conhecer esses dois é elementar. Você é que surpreende. Para uma turista, até que está muito à vontade para falar de tragédia.

BIA: Antes do turismo (que, aliás, é viagem e não turismo...), fui professora: de português e literatura.

Ele olha uma marcação pintada na pista, consulta o relógio.

VIRGÍLIO: Costumo voltar daqui. Pode ser?

BIA: Claro, você é quem manda, eu estou só pegando uma carona, já tinha andado uns quarenta minutos antes...

VIRGÍLIO: Para uma professora de português, até que está em ótima forma física...

BIA: Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas, pelo jeito, você tem uma certa tendência a aceitar estereótipos e repetir ideias feitas...

VIRGÍLIO: Não precisa agredir.

BIA: Não estou agredindo. Estou só comentando, porque fiquei pensando no que você falou sobre o *Dom Casmurro*. Fiquei meio impressionada com a tranquilidade com que você diz que a Capitu traiu Bentinho com o melhor amigo dele.

VIRGÍLIO: Espere aí! Não sou eu quem diz isso. Está no livro. Quem disse foi o Machado de Assis. Se não gosta, vá reclamar com o autor.

BIA (*veemente*): Nunca! Ele jamais afirma uma coisa dessas! O que o Machado conta é como o Bentinho *achava* isso... É só uma versão, e de uma parte interessada. Não há um único elemento de certeza, só desconfianças... Daí que até hoje as pessoas discutem essa questão: às vezes demais, para o meu gosto. Traiu? Não traiu? Não tem a menor importância. O importante é ver como o Bentinho desconfia que ela traiu e depois passa a ter certeza. E é ele quem conta a história, assumidamente em primeira pessoa, e vai passando magistralmente suas impressões para o leitor, como se fossem fatos. Mas a gente só tem a versão dele. Ninguém garante que é verdade. E você acreditou.

VIRGÍLIO: Está bem, calma... não precisa ficar assim. Vai ver, é isso mesmo. Eu nunca tinha pensado muito nessa história. Li o livro, gostei, acreditei. Pronto! Não é crime...

Andam algum tempo em silêncio. De repente, ela aponta para um quiosque mais adiante.

BIA: Vamos tomar uma água de coco?

VIRGÍLIO: Agora?

BIA: É... Estou com sede...

VIRGÍLIO: Eu não gosto de interromper a caminhada. Eu marco tempo, sabe, controlo a velocidade...

BIA: Então tudo bem, até outro dia. Eu vou ficando. Já está mesmo na minha hora.

Ela para. Dá um tchau com a mão, ele prossegue, meio hesitante. Ela entrega o dinheiro ao vendedor, recebe dois cocos, põe dois canudinhos dentro de cada um. Passa um deles para um menino descalço que zanzava em volta da barraquinha, começa a tomar a água do outro, enquanto Virgílio se afasta. De repente, se interrompe.

BIA: Essa não! Ele acabou não dizendo o que queria falar comigo.

MENINO: Quer que eu vá chamar o cara, tia?

BIA: Não, pode deixar. Outro dia eu pergunto.

(Corte.)

— Está tudo errado! Você não pode escrever uma cena dessas. Parece filme europeu. É uma eternidade de conversa. Ninguém aguenta tanto diálogo. Cadê a ação? Cinema e televisão são visuais, precisam mostrar. O espectador tem que ver o que está acontecendo, não pode ficar só ouvindo conversa. Esse blá-blá-blá todo é insuportável.

O rapaz ficou meio sem jeito. Muniz não estava sendo exatamente agressivo, mas falava de um modo muito veemente, como se estivesse se dirigindo a um ignorante. E não parava:

— E tem mais, Juliano: quando é que você vai aprender que naquele tempo não tinha essas coisas? Eu ainda ontem estava repetindo isso para o Peçanha pela enésima vez. Mas parece que vocês não entendem. Vocês nunca leram Eça? Machado? Flaubert? Tolstoi? Balzac? Dickens? Aquelas inglesas todas? No século XIX não era igual a hoje. Uma jovem solteira não podia ficar tanto tempo conversando sozinha com um homem que não fosse de sua família. No máximo, trocavam algumas frases. Tudo isso recomenda, insiste, berra sobre a necessidade de seguir a orientação que eu já tinha dado: ECONOMIA NA CENA! Pelo amor de Deus!

Da porta, Bia ouvia a espinafração de Muniz e não sabia como agir. Percebera que estava sendo indiscreta, aquela conversa não era para seus ouvidos. Não fora vista. Talvez o melhor fosse recuar em silêncio, ficar um tempo no corredor, esperando um momento melhor para entrar. Lá embaixo, a recepcionista tinha dito que ela podia subir, estava sendo esperada. Mas sua entrada a essa altura seria constrangedora para o coitado do rapaz que ouvia o estouro do outro e agora se defendia:

— Desculpe, Muniz, está certo, eu errei a dose. Mas você falou que era para eu me soltar, não me preocupar em cortar num primeiro momento, depois a gente cuidava disso. E disse para eu já começar a apresentar os personagens, então achei que se eles falassem um pouco, iam se revelando em algumas coisas...

— Não dá para apresentar sem tanto falatório? E num lugar mais viável para a época? Esse Jardim Público não convence. Pode ser na missa, por exemplo. Taí, pode-se fazer uma bela cena de encontro e descoberta numa missa no outeiro da Glória, é uma ideia... Com olhares, meios sorrisos. Um gesto dela, ajeitando o penteado — um cachinho solto na nuca dá um grande *close* — e olhando para ele num banco de trás, do outro lado da nave. Um gesto dele, cumprimentando de leve com a cabeça. Na saída, no adro da igreja, com a baía de Guanabara ao fundo, uma beleza!, ela o vê de novo, fica perturbada, se atrapalha, deixa o leque ou o missal escorregar das mãos, espalhando no chão um monte de santinhos guardados dentro... Pronto, ele vem, diz algumas palavras amáveis à mãe dela, ajuda a recolher tudo, se apresenta, a mãe reconhece que se trata do sobrinho de d. Leopoldina que acabou de voltar de Coimbra, moram na mesma rua... e o rapaz as acompanha até a porta de casa.

Escuridão. As mãos de alguém taparam os olhos de Bia. E logo uma voz brincalhona, bem perto do ouvido, abafou o diálogo que continuava dentro da sala:

— Não pensei que você gostasse tanto de ouvir conversa dos outros... Ficar se

escondendo junto da porta entreaberta... Francamente...

— Não é nada disso, Virgílio! — exclamou ela, sem graça, segurando as mãos dele e as tirando de seu rosto.

Sem deixar que ela soltasse suas mãos, ele perguntou, com um sorriso divertido:

— Como é que você sabia que era eu? Estava pensando em mim?

— Conheci sua voz... Além disso, eu tinha visto você entrando no prédio. E a moça lá embaixo disse que você tinha subido. Pensei que já estava na sala.

— Então achou que era eu e parou aqui para ouvir minha conversa? Quanta honra! Mas eu não vim direto. Encontrei no elevador um amigo que trabalha no quarto andar e fomos tomar um cafezinho antes. Vamos entrar?

— Não sei se a gente deve... — explicou ela. — O Muniz estava dando a maior bronca em alguém lá dentro, eu não quis interromper, fiquei meio sem jeito.

Ele mudou o tom. Bem decidido, deixou a moça para trás e antes de entrar com passos firmes na sala, só disse rapidamente para ela:

— Não suporto bronca. Vou interromper.

Mas a cena constrangedora no interior da sala já tinha terminado. Muniz e o rapaz estavam dando risadas, enquanto juntavam uns papéis em cima da mesa.

— De relógio de pulso... — repetia Muniz rindo. — As capas esvoaçando, as espadas se batendo numa tremenda luta de esgrima, e de vez em quando aparecia o relógio bem visível no pulso dele... E ninguém viu, cara, só quando distribuíram o filme...

Nesse instante, percebeu Virgílio e Bia na sala, cumprimentou, de ótimo humor. Sentaram-se em volta de uma mesa pequena. Juliano se despediu, já estava de saída. Começaram então uma conversa meio genérica sobre locações e cenários. Virgílio fez várias sugestões, tinha trazido uma lista de lugares da cidade que mantinham prédios do tempo do Império e podiam ser aproveitados. Muniz explicou que, em geral, essas gravações externas eram muito complicadas, era preferível recorrer a uma cidade cenográfica e trabalhar em estúdio, facilitava muito as coisas. Mas a lista de prédios era importante para servir de modelo, valia a pena que ele entrasse em contato com o pessoal da cenografia. Depois passaram a comentar a sinopse, Virgílio confessou que ele e Bia achavam que talvez a situação básica não fosse muito original. Muniz repetiu “Você e Bia?”, mas não esperou a resposta e foi em frente. Disse que era assim mesmo, “em televisão nada se cria, tudo se copia”. E depois, vai tudo mudando com a reação do público, novela é uma coisa muito dinâmica.

Desta vez, Virgílio interrompeu:

— Novela ou série? E, aliás, qual é a diferença?

Muniz continuava falando apressado. Explicou rapidamente que era uma série, mas longa. A diferença era que tinha um número limitado de capítulos, desde o começo. Quando começava, já se sabia como ia acabar, a história estava pronta. Com a novela é diferente, vai mudando ao sabor das reações dos espectadores. Mas como geralmente faziam novelas, acabavam todos falando na série como se fosse novela. Mas era uma série. Quer dizer, não ia se esticar indefinidamente. E dentro da cabeça dele, autor, o final já estava definido. Mas isso não vinha ao caso. O que importava agora era discutir a contribuição de Virgílio aos cenários. E não se precisava fazer essa distinção. Bastava saber que cenário era melhor que o prédio de

verdade. Além do mais, na telinha tudo ficava diferente, os personagens colavam nos atores, adquiriam parte do carisma deles, desenvolvia-se uma empatia muito particular com os espectadores. E ainda tinha a música, a influência da cenografia... a história acabava ficando com uma atmosfera própria. O visual tem um peso decisivo, explicou.

Em seguida, virando-se para Bia, perguntou:

— E você, por que está tão calada? Gostaria de ouvir um pouco suas impressões sobre isso. É o tipo da coisa que me interessa: seu olhar novo, como já expliquei.

Bia hesitou.

— Não sei exatamente o que você está querendo saber nem como eu posso ajudar. Mas, para falar a verdade, eu tenho algumas dúvidas sobre essas possibilidades de ser diferente, só com o visual. Acho que fica só uma diferença muito pequena, muito superficial. Pode ser só impressão minha, mas acho que, no fundo, todas essas novelas de época acabam sendo muito parecidas.

— Bom, mas se é a mesma época, elas têm mais é que se parecer mesmo...

Ela resolveu contradizer e ficou mais animada:

— Não acho que seja obrigatório ser sempre tão igual. O que acontece é que sempre se mostra a mesma coisa, só aquilo que se resolve decretar que deve ser visível — justamente o mesmo que todos já viram antes. Como um *spot* num palco, que só ilumina a estrela. Mas a verdade é que, além do coro e do corpo de baile que também não estão sendo destacados, há ainda uma orquestra inteira no poço. Para não falar nos bastidores e coxias, cheios de maquinistas, contrarregras, carpinteiros e outros técnicos. Uma multidão invisível, sem a qual não ia haver espetáculo.

Muniz argumentou:

— Está certo, mas não vamos fazer uma superprodução de Hollywood. Essa multidão toda tem um custo.

— Não precisa mostrar todo mundo ao mesmo tempo — justificou Bia. — Mas, por exemplo, me responda: essa nossa heroína...

— ... a Cecília...

— Isso, a Cecília! Ela sabe ler e escrever?

— Sabe, claro! Manda bilhetes para o Felipe, acho que depois é ela quem vai descobrir um testamento guardado, se encarrega de fazer o rol de roupas... Tem que saber ler.

— Ótimo! Isso era meio raro na época, como você sabe... Mulher, em geral, era analfabeta. Mas já que a moça é letrada, podemos aproveitar. Só aí já temos, pelo menos, umas três aberturas para o tal invisível a que eu estou me referindo. Podemos mostrar com quem ela estudou ou estuda. Acompanhar um pouco de perto quem será o portador desses bilhetes — mucama? cocheiro? moleque de recados? uma parenta pobre vivendo de agregada e alcoviteira? E ainda, já que ela faz o rol de roupas, pode-se mostrar como se lavam as roupas nessa casa. Dar um pouco de visibilidade a outros aspectos daquele tempo. Professoras e lavadeiras, por exemplo, raramente aparecem em novelas de época.

Muniz olhou para ela pensativo:

— Interessante, isso... Tem razão. Podemos ter uma cena com lavadeiras na beira de um rio ou em volta de um chafariz, batendo roupa e comentando o que acontece nas casas... Uma

coisa assim meio como um coro teatral, pontuando a ação em alguns momentos. E uma professora, talvez... quem sabe? Precisamos ver como eram os colégios. Se só havia internatos, não serve — quero a Cecília disponível para se encontrar com o Felipe. Mas ela talvez possa conviver com uma ex-colega e as duas juntas lembrarem alguma coisa da escola. Ou então, podemos verificar se eram comuns os professores particulares, e fazer essa professora continuar dando aulas para a irmãzinha menor dela.

Bia também tinha algumas ideias a respeito. Foi falando, toda empolgada, os olhos brilhantes, a voz cálida. Virgílio não conseguiu deixar de constatar, mais uma vez, como ela o atraía. E, de certo modo, o inibia também, numa certa sensação de perigo. Depois da primeira reunião, tinha pensado em procurá-la, a pretexto de discutir o trabalho. Enquanto ainda hesitava, se encontraram naquela caminhada matinal em volta da Lagoa. E quem tomara todas as iniciativas tinha sido ela — tanto de começar a conversa quanto de encerrá-la. Agora, novamente, ele pensava que queria sair com ela, conversar com calma, bebericar, ouvir música. Talvez cozinhar para ela... e depois, quem sabe... Só que queria estar mais seguro. Tinha um vago medo de ouvir um não. Ou uma risada.

Mas no momento, ela estava muito séria, expondo seus pontos de vista ao Muniz.

— Bom, depende do nível econômico da família. Mas muitas vezes havia preceptoras ou governantas estrangeiras. Foi justamente por isso que eu me interessei pelo assunto... Descobri completamente por acaso. Eu estava atrás de livros de viajantes que andaram pelo Brasil antigamente. Tem cada coisa fantástica! E aí descobri que houve algumas mulheres viajantes que também escreveram. Muitas delas, inglesas ou alemãs que vieram para dar aulas... E fizeram observações interessantíssimas, em cartas e diários. Não só porque muitas vezes tinham acesso a uma intimidade doméstica vetada aos outros visitantes, mas também porque elas eram uma espécie de vanguarda do pensamento — ou do comportamento — em seus próprios países. Mulheres que resolveram ganhar a vida por conta própria, com seu trabalho, sem depender de pai ou marido. Na certa, isso fazia com que ficassem muito atentas e sensíveis para observar a cultura alheia. Afinal de contas, naquele tempo, uma mulher que atravessava o Atlântico sozinha, e vinha trabalhar por sua conta e risco num país considerado selvagem, só podia ser alguém especial...

— Especialíssima — concordou Muniz. — Você tem toda razão. Vamos ter que incluir uma personagem assim, de algum modo. Uma mulher viajante. Que maravilha! Absolutamente fascinante.

De repente, levantou-se, foi até o telefone que ficava em cima da enorme escrivaninha junto à janela, apertou um botão, chamou alguém. Virgílio olhava para ele e não conseguia chegar a uma conclusão: de quem ele tinha falado com tanto entusiasmo? Quem era a maravilha de mulher tão fascinante? Uma hipotética *Fräulein* contratada como preceptora no século XIX ou essa concretíssima magricela despenteada de jeans, que gesticulava, toda empolgada, sentada na cadeira em frente, com a perna esquerda na horizontal, relaxadamente apoiada sobre o joelho direito? Parecia animação demais para se referir a alguém muito vago e distante.

Mas antes que se esclarecesse o mistério, entrou na sala uma simpática secretária e Muniz explicou que a chamara para que ela levasse Virgílio até outro andar. Ele tinha que encontrar o

peçoal da cenografia, explicou. Afinal, o arquiteto fizera uma pesquisa sobre os prédios imperiais da cidade, tinha uma lista que podia ser muito útil para a equipe e umas ideias interessantes...

— Muito interessantes mesmo... — ficou repetindo. — O pessoal tem que ouvir.

Levou-o até a porta e se fechou lá dentro com Bia. Perplexo com a rapidez do golpe que o apanhara desprevenido, Virgílio parou de estalo no meio do corredor. Isso não ia ficar assim! Ah, não ia!

Deu meia-volta, voltou sobre os próprios passos, abriu a porta da sala do Muniz sem bater. Lá dentro, empolgadíssima, Bia continuava:

— ... ninguém toma conhecimento delas hoje em dia, mas havia muitas. Essas mulatas e negras libertas se juntavam às brancas pobres e desempenhavam uma série de funções na vida social da época... Eram modistas, quitandeiras, caixeiras...

— Um instante, por favor! — interrompeu Muniz.

E, voltando-se para Virgílio, perguntou:

— Está querendo falar comigo? Esqueceu alguma coisa?

— Esqueci, sim — confirmou o outro. — Esqueci de combinar uma carona com a Bia.

Ela o olhou, espantada. Ele foi direto:

— Vamos juntos? O primeiro que acabar liga para o outro, está certo? Muniz sabe em que ramal eu vou estar.

— Tudo bem — concordou ela.

E se voltou para Muniz:

— Posso continuar?

Podia. Agora podia tudo, pensou Virgílio, a caminho da cenografia. Ousara fazer um convite, e ela aceitara. Igualmente importante: ele tomara posse, marcara território, frente àquele sacana do Muniz. O que é que ele estava pensando? Que era só chegar, ver e vencer? Que podia tratá-lo como um garoto inconveniente que um bedel leva para fora de sala porque está atrapalhando? Essa não... se alguém ia ficar conversando com Bia sem hora para acabar, era ele, Virgílio. E sem recorrer a prestígio, poder, secretária, nenhum golpe baixo. No máximo, um bom vinho tinto e uns temperinhos mágicos.

Deu certo.

Um filme podia mostrar isso com o clichê batidíssimo de roupas meio espalhadas pelo quarto (mentira, porque Virgílio sempre dobrava as dele com cuidado e Bia, dessa vez, seguiu o exemplo). Ou recorrer ao clichê mais disfarçado mas obrigatório da cena de sexo, com grandes planos de corpos nus, iluminação sofisticada realçando textura de pele, mãos deslizando lentamente, olhos semicerrados, bocas entreabertas, movimentos ritmados num crescendo — tudo com música adequada ao fundo, evidentemente. A fim de não perder tempo procurando algum ângulo novo para descrever em detalhes novidadeiros — e absolutamente irrelevantes para a história — aquilo que o leitor ou leitora já conhece ao vivo, a cores e a toques e cheiros, pode-se aqui simplesmente sugerir que a cena ocorreu, iniciando o capítulo na manhã seguinte, quando Bia e Virgílio estavam tomando café juntos.

No apartamento dele — descobre-se logo pelos indícios: foi ele quem pediu à empregada para trazer geleia, e Bia usava a mesma roupa da véspera. Mas estava com os cabelos molhados, enrolados numa toalha. Ele, já vestido para sua caminhada esportiva em volta da Lagoa, discretamente olhou o relógio.

— Tudo bem, já entendi, estou indo... — disse ela, esvaziando a xícara num gole apressado e se levantando.

Enquanto desenrolava a toalha e ajeitava o cabelo com os dedos, diante do espelho junto à porta de entrada, provocou:

— Quer uma carona até o estacionamento da tevê?

— Você não vai andar?

— Agora, não. Tenho que fazer a coluna desta semana, hoje é dia de fechamento. Só vou ter tempo para andar de tarde. Mas se quiser, agora, no caminho de casa, te deixo lá para você pegar seu carro.

Percebendo o ar confuso dele, explicou:

— Ou você pensa que eu não sabia que você não estava precisando de carona nenhuma para sair de lá? Quando cheguei, vi você fechando o carro no estacionamento... Mas achei divertidíssima sua entrada pela sala do Muniz adentro, como quem estava disposto a partir para o Rapto das Sabinas. E já que ele disse que nós dois encarnamos tão bem os papéis trocados, achei que seria engraçado desta vez deixar você brincar de antigamente e desempenhar essa função bem masculina da conquista. Além de ensinar a ele umas coisinhas sobre delicadeza no trato com as pessoas. Só porque ele tem poder, não é dono de ninguém. Não podia ter feito aquilo.

— Também fiquei furioso. Me descartou sumariamente — lembrou Virgílio, satisfeito de ter um assunto que não o obrigasse a comentar o truque barato que usara na véspera.

— Não só isso. Ele também fez uma coisa que me deixa enlouquecida e não admito num chefe: misturou os canais de trabalho e relação pessoal. E além do mais, eu já não tinha gostado nada do jeito dele antes com aquele rapaz, o Juliano. Você não viu, mas foi uma coisa

autoritária, de cima para baixo, sem respeito nenhum pelo trabalho do outro! Horrível! Eu estava ali no corredor ouvindo tudo, constrangida, me sentindo humilhada por tabela, sem saber o que fazer... Adorei quando você tomou aquela decisão e entrou na sala com jeito de cavaleiro andante, disposto a interromper a sessão de baixaria.

Sorriu e acrescentou:

— Me ganhou completamente...

— Ah, então foi por isso? — brincou ele. — Então eu devia agradecer ao Muniz pela oportunidade do empurrãozinho decisivo.

Ela sorriu:

— Não ia precisar. Eu estava disposta a vir de qualquer jeito. Mais dia, menos dia, ia acontecer — disse, pegando a bolsa em cima da poltrona.

Virgílio a abraçou, deu um beijo nela e disse:

— Ia mesmo. Eu sabia, desde aquela primeira reunião.

Foram saindo. Enquanto esperavam o elevador, ela insistiu:

— Afinal, você vem comigo?

— Não precisa sair do seu caminho. Eu tomo um táxi.

— Não precisava era ter deixado o carro lá, podia ter dito a verdade na hora da gente sair. Eu só não falei nada porque quis ver até onde você chegava.

Ele riu.

— Mas funcionou, não foi? Você me trouxe, ficou comigo, e agora está aqui.

— Já te disse que eu estava querendo. Além de tudo, estava curiosa. Desde aquela vez que a gente se encontrou na Lagoa, ando querendo saber o que é que você queria me dizer e acabou não dizendo...

— Quer dizer que, então, a curiosidade é que conta ponto?

— Não desconversa agora, e diz logo, pronto. Estou louca para saber.

— Eu não... Não sou bobo de perder uma chance dessas. Já descobri que é uma boa isca para te atrair. Agora não dá tempo. É uma história comprida, tenho que te mostrar umas coisas. Nesta correria, de saída, não dá. Nós dois estamos com pressa... Então fica para outra vez. Não quer aparecer no restaurante logo mais à noite? Depois a gente vem até aqui, eu conto e te mostro.

Já na calçada, abrindo a porta do carro, ela riu:

— Já passei da idade de cair nessa história, Virgílio...

— Não é história, estou falando sério.

— Está bem, eu acredito. Mas hoje vai ser um dia cheio. E amanhã é muito complicado, quero acordar cedo e em casa.

— Num sábado?

— Exatamente por isso. O bombeiro ficou de ir fazer um conserto no banheiro, é dia da Ana Lúcia, tenho mil coisas pra fazer...

— Ana Lúcia? Quem é? Sua filha? Puxa, não sei nada de você.

— Eu não tenho filhos, e também não sei se você tem... Ana Lúcia é minha amiga, minha ajudante, meu braço direito, outro dia eu explico.

— Amanhã à noite, por exemplo?

— Pode ser. Você me liga e a gente combina. Tenho que olhar minha agenda, não sei se tenho algum compromisso.

Já dentro do carro, motor ligado, Bia abaixou a vidraça e perguntou:

— Você tem?

— O quê? Compromissos? — respondeu ele, fazendo sinal para um táxi.

— Não, filhos.

— Dois. Um casal, Bruno e Luciana. Conto amanhã. Tchau.

E entrou no táxi. Disse o destino ao motorista e reparou que ele era muito jovem, devia ser pouco mais velho que seu filho Bruno. Pensou em Bruno, mais um pouco tinha que resolver o que ia querer da vida, que vestibular ia fazer. Mas era um garoto interessante. Bia na certa ia se dar bem com ele, embora com Luciana talvez fosse mais complicado. E era bem possível que se encontrassem, porque pretendia continuar estando com ela. Entretido com as lembranças da noite anterior, afundou confortável no banco e nos pensamentos.

Tudo aconteceu tão natural. Tinha jeito de que ia continuar fluindo solto. Com simplicidade.

Mas não foi assim.

Bia escreveu seu artigo (sobre conhecer cidades estranhas andando em linhas de ônibus regulares, pelo meio do cotidiano alheio). No fim da tarde, foi a uma loja de ferragens comprar registros e carrapetas, encomendados pelo bombeiro para adiantar o serviço do dia seguinte. De noite, comeu um sanduíche, fez um chá, arrumou uns papéis, respondeu a umas cartas que no sábado Ana Lúcia botaria no correio.

Virgílio também teve muito trabalho. O restaurante ia organizar um festival de frutos do mar, ele e o sócio tiveram uma reunião com o representante de uma empresa de eventos para combinar a divulgação. Lá pelas dez da noite, Muniz ligou para Bia, pediu desculpas pela hora, perguntou se ela não queria ir jantar com ele no Marco Polo, podiam discutir alguns pontos em que ele tinha dúvidas. Ela desconversou, ele não insistiu. Ficava para outra vez.

No dia seguinte, foi um tumulto dentro de casa. Com mais duas pessoas no apartamento, Bia achava que tinha que fazer um almoço direito, coisa de sustança para matar fome de trabalhador, e se meteu na cozinha, às voltas com uma carne assada. Seu Alcides quebrava ladrilho no banheiro, um barulho que não deixava ninguém trabalhar. Ana Lúcia resolveu sair e aproveitar a manhã para fazer uma porção de coisinhas na rua, que vinham sendo adiadas — providenciar a fotocópia de um artigo, comprar grampos e papel para fax na papelaria, tentar trocar aquela blusa que Bia ganhara de aniversário e não queria... Um dia cheio, mas meio perdido.

Depois que Ana Lúcia saiu, Bia ficou achando que devia logo ter-lhe dado folga, para a moça estudar para o concurso que ia fazer para o serviço público. Assim, até poderia sair com alguma amiga para um almocinho de saladas, resolvendo a comida do seu Alcides com alguma coisa mais prática — pedir uma quentinha ou dar a ele o dinheiro para um prato feito no boteco da esquina. Resolvera ficar para estar com Ana Lúcia, mas não contara com o barulhão em casa.

As duas se davam muito bem e cada vez apreciavam mais esses encontros de sábado. Estavam construindo uma boa amizade, e já tinham ficado para trás os tempos em que Bia

funcionara como uma espécie de guia e protetora da outra. As diferenças entre elas iam se apagando, e as duas nem mais lembravam que tinham histórias bem diversas ou que havia mais de dez anos de diferença entre elas.

Anos antes, quando fizera umas resenhas de livros para o jornal, Bia começara a mandar os exemplares já lidos para a filha da faxineira, que adorava ler. Os bilhetes de agradecimento da menina foram revelando uma leitora atenta e inteligente. Um deles provocou o encontro. Bia fez questão de conhecer a adolescente, que recordava vagamente ter visto criança, e que de repente escrevia duas páginas para dizer como tinha adorado um romance de José de Alencar. Aproveitava, meio constrangida, para fazer um pedido — coisa que nunca tinha feito antes. Sempre que fosse possível, queria outros livros daquele tipo. Bia conseguiu-lhe mais uns dois ou três títulos. Mas intrigada com o fascínio que a ficção do século XIX podia exercer sobre a filha de um chacareiro de Vargem Grande, quis depois conversar com a menina.

Essa imaginária menina não existia mais. Bia conversou foi com uma moça inteligente e sensível, de garra, gana de seguir em frente, e uma paixão por livros em tudo semelhante à sua. Acabou contratando Ana Lúcia para vir três vezes por semana, ajudá-la com seus papéis sempre desorganizados. Daí para arrumar para ela um emprego numa editora foi um pulo.

Hoje Bia dependia da capacidade de organização de Ana Lúcia para manter os compromissos em dia, o trabalho fluindo, a retaguarda em ordem quando viajava — mesmo que agora Ana Lúcia só pudesse vir aos sábados. Na verdade, quando estava na cidade, Bia até que não precisava tanto dela, mantinha esse esquema apenas para que a moça não perdesse o pé da situação quando era indispensável — na hora de suas viagens. Mas cada vez mais Ana Lúcia seguia sua vida própria, toda entusiasmada na editora, fazendo divulgação em colégios. E agora que acabara a faculdade — com sacrifício, em horário noturno —, resolvera prestar concurso para o serviço público.

Em poucos meses, quando a moça fosse nomeada para o novo emprego — Bia não tinha nenhuma dúvida de que ela seria aprovada, e com boa classificação —, as coisas iam ficar difíceis. Não conseguia imaginar outra pessoa que, com um mínimo de interferência, vindo apenas algumas horas por semana, conseguisse lhe poupar tanto tempo. Além disso, gostava dela, ia sentir saudades do convívio regular com uma amiga mais moça, que lhe fazia ver as coisas por ângulos inesperados.

Lá pela uma da tarde, sentados em volta da mesinha da cozinha, quando os três estavam já acabando de comer, Bia puxara conversa com seu Alcides sobre o conserto que ele fazia. Ouviu um comício contra essas construções modernas, com tubulação de PVC de má qualidade. A conversa prosseguiu discutindo vantagens e desvantagens de canos de chumbo e de cobre, passou para sistemas de aquecimento de água. Ana Lúcia começou a celebrar os méritos do chuveiro elétrico, dizendo que em pequena só tomava banho frio — a não ser quando ia na casa da madrinha.

— Pois eu, quando criança, nem tinha água encanada em casa — lembrou seu Alcides. — Sou do tempo é da lata d'água na cabeça...

Bicas, latas d'água... Daí a pouco estavam falando de tempos muito anteriores. Bia contava do seu novo trabalho, ajudando numa novela que ia se passar no Rio antigo. Falava

em aguadeiros, poços, tanques, nas casas de outros tempos, térreas ou assobradadas, com quintais, varandas, jardins em volta, enfeites rendilhados no telhado...

— Como aquelas da coleção... — lembrou Ana Lúcia.

— Que coleção?

— Não lembra? Aqueles cartões-postais que estão na caixa grande, na parte de cima do armário...

— É mesmo... Eu tinha esquecido inteiramente...

Foi recolhendo os pratos, levando para a pia, virou-se pensativa:

— Sabe? É uma ótima lembrança... pode ter muita coisa que se aproveite. Eu nunca mais tinha pensado nesses cartões.

Uma vez, numa viagem, num mercado de rua, tinha encontrado álbuns e caixas de antigos postais. Cenas urbanas, vendedores ambulantes, gente de outros povos com trajes típicos, fantasiosas poses em estúdios, gorduchinhas com boca pintada em forma de coração fazendo trejeitos sedutores, janotas de chapéu de palha se exibindo para a câmera. Escolheu alguns dos mais baratos, em outras viagens adquiriu mais alguns, pendurou a meia dúzia mais interessante na cortiça da parede, em cima da escrivaninha. E por causa disso, acabara ganhando de uma amiga uma grande coleção que pertencera a uma parenta velha. Coisa que nunca mais olhou.

Agora, com a lembrança de Ana Lúcia, ficara curiosa.

— Me faz um favor? — pediu. — Antes de sair, desça essa caixa, tire a poeira e deixe ali em cima da mesinha. Mais tarde eu dou uma olhada.

Com Virgílio, pensou. Quando ele ligasse, combinaria. Dessa vez, ele é que poderia vir até a casa dela. Aliás, não, nada disso, com aquela bagunça no banheiro. Mas nesse caso, levaria alguns postais para ele ver. E outro dia, veriam todos com calma. Podiam separar o que interessasse — na certa haveria algo que se aproveitasse para a série. Ele saberia disso muito melhor do que ela.

No fim da tarde, depois que o bombeiro removeu para a garagem alguns sacos de entulho e foi embora, ela se sentou junto à caixa e começou a examinar a coleção. Separou em pilhas diferentes. Pessoas, casas, monumentos, parques, veículos. Ia ser ótimo ver tudo aquilo com Virgílio! Quase ligou para ele, mas achou melhor esperar que ele chamasse, como tinham combinado.

Quando o telefone tocou, era uma secretária ou atendente do Marco Polo. Seu Virgílio se desculpava, mas teve um compromisso inesperado, não ia poder encontrá-la. Telefonava no dia seguinte.

Bia ficou chateada. E muito mais ficaria se imaginasse que o compromisso inesperado era uma morena vistosa e insinuante que apareceu no restaurante na *happy hour* e se apresentou como Marisa, uma jornalista que ia fazer o *release* do festival gastronômico. Viera só aproveitar o sábado e conhecer o lugar, explicou. Virgílio não deixou passar. Ao fim de mais de uma hora de conversa jogada fora junto ao bar, quando a moça se preparava para ir embora, ele comentou que nessa noite combinara que quem fechava a casa era o sócio. Se ela esperasse, podiam sair juntos. E talvez pudessem jantar em algum outro lugar, onde não correriam o risco de serem interrompidos a toda hora pelos problemas de trabalho, como ali no Marco Polo. Deixou-a conversando com o barman, foi providenciar algumas coisas que

faltavam. E pediu que ligassem para Bia, desculpando-se por ele. Era melhor assim. Estava pensando muito nela nos últimos dias. Até demais. O ideal era dar um frescor, para não ficar muito preso. Ela o assustava um pouco e isso não era bom.

Por essa confluência de acontecimentos, acabou acontecendo que quando Muniz telefonou — nessa noite bem mais cedo que na véspera, antes mesmo que ela começasse a pensar no que iria comer — Bia estava chateada e disponível. E louca para falar na coleção de postais que tinha descoberto. Topou com entusiasmo. Assim se explica que, bem mais tarde, no momento em que Virgílio entrou acompanhado num restaurante concorrente, tenha imediatamente visto o olhar embevecido de Muniz pousado sobre uma moça que falava, animada, numa mesa lá nos fundos. Ela estava de costas para a porta, mas entre milhares Virgílio a reconheceria — até mesmo bíblicamente, e de preferência. Mal teve tempo de montar um recuo estratégico, explicando à morena:

— Vamos só confirmar se hoje eles têm a especialidade da casa...

Ainda meio escondido no bar de entrada, fez um sinal para o *maître*, seu conhecido, e detonou:

— Trouxe a moça especialmente para comer aquele risoto com pontas de aspargos verdes...

— O senhor me desculpe, mas vai ter que ficar para outra vez. Hoje não temos, não é tempo de aspargos frescos...

Virgílio sabia. Não era à toa que administrava as compras do Marco Polo. O *maître* continuava:

— Mas temos outro excelente, de coração de alcachofra...

Tocando a moça para fora com uma leve pressão em seu cotovelo, Virgílio agradeceu, se despediu rapidamente e saiu.

Salvo pelos aspargos verdes. Ou pela ausência deles. E por sua presença de espírito. Ainda bem que viu a tempo. Tinha certeza de que Bia não o vira. Quanto ao Muniz, Virgílio tinha dúvidas... Não cumprimentara, não acenara, não dera mostras de nada... Mas podia estar disfarçando, tentando passar despercebido, esconder sua companhia.

Só depois, passado o susto, dentro do carro que se afastava dali, é que Virgílio se permitiu ficar furioso com Bia. Então era assim, bastava ele ter um compromisso de trabalho, e ela já dividia a mesa com o Muniz, esquecendo todas as coisas que dissera dele... Parecia uma moça tão franca, tão direta. Mas aos poucos se revelava cheia de segredos e subterfúgios. Naquele dia da carona para sair da televisão, por exemplo. Sabia que o carro de Virgílio estava no estacionamento e mesmo assim não disse nada, ficou se divertindo às custas dele. E antes, ele a surpreendera ouvindo a conversa dos outros no corredor, não dava para esquecer. E ainda inventou aquela história de não querer interromper uma bronca do Muniz, coisa que evidentemente não estava acontecendo, os dois lá dentro estavam na conversa mais amigável do mundo...

— Posso? — interrompeu Marisa, apontando para o botão do rádio do carro.

— Claro.

Foram invadidos pela melodia. *I Only Have Eyes for You*. Mentira pura. Ninguém tem olhos só para um alguém. Ou acabara de ver uma exceção, Muniz só com olhos para Bia? E ela? Como estaria olhando para Muniz? Da mesma forma?

— Você ficou tão calado...

— Estava pensando onde podíamos ir. Talvez ao Savarin, você gosta?

Disfarçou bem. Tinha ímpetos de voltar lá onde o casalzinho estava, passar com Marisa na frente deles, mostrar bem que não estava ligando, e não lhe faltava companhia. Mas aí podia entornar o caldo. Melhor esfriar a cabeça, esperar os acontecimentos. Podia ser que ninguém o tivesse visto. E ele ficara sabendo quem é quem. Com o tempo, veria o que os dois deixavam escapar, como se portavam. E até lá, curtiria o momento.

Mudou a marcha do carro, de passagem roçou a mão pela coxa da moça no banco ao lado, deixou-a ficar. Isto era aqui, agora. O resto era o resto.

Apesar dessas resoluções, no dia seguinte, cedo, Virgílio ligou para Bia. Atendeu a secretária eletrônica. Tão cedo e ela já tinha saído? Ou não dormira em casa? Ele não deixou recado. Saiu para caminhar.

Na volta, quando saía do banho, o telefone tocou. Era ela. Efusiva:

— Ai, Virgílio, estava louca para encontrar você! Descobri uma coisa maravilhosa ontem e quero te mostrar... Você vai sair agora de manhã?

— Vou, tenho que ver umas coisas... Vou ter um dia meio enrolado, vou levar meus filhos a um churrasco em Araras...

— Que pena... Senão, eu passava aí. Mas não faz mal, o Muniz disse que ia chamar a gente para uma reunião, talvez na terça, e então eu levo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A audácia dessa mulher"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).